



Fábio Jesus de Carvalho participou do PROFHISTÓRIA (Entrega do memorial – 03/2018)

Fábio Jesus de Carvalho

Mestrado Profissional em Ensino de História

Disciplina: História do Ensino de História

Universidade Federal Fluminense (UFF)

MEMORIAL

Recém-chegado ao ProfHistória e em meu primeiro dia de aula da disciplina obrigatória de História do Ensino de História (HEH), tive a surpresa de me pedirem um memorial como avaliação. Esperava uma prova, um seminário, um artigo, enfim, qualquer avaliação mais ortodoxa e não falar de mim e de minha trajetória. Nunca, em nenhum programa de estudos, quiseram saber de mim. Quem eu era, de onde eu vinha ou em que ponto da vida me tornei professor. Devo admitir que achei muito simples a tarefa e fiquei feliz por esta suposta simplicidade. Digo “suposta simplicidade” porque os dias foram passando e a escrita não saía. Colegas de turma falavam com entusiasmo de seus trabalhos e eu nada tinha pra falar. Só via os dias passando. Tentava me inspirar nos modelos, tentava traçar roteiros, mas as folhas permaneciam em branco. Como fiz terapia certa vez, por conta dos sintomas de TOC, me inspirei na psicanálise e fiz uma livre associação de ideias que arrumei mais ou menos assim...



Nasci em 1984, bairro do Andaraí, zona norte do Rio de Janeiro. Hospital do Andaraí ou, como os mais velhos diziam, “dos Marítimos”, já que ele atendia, a princípio, os funcionários da marinha mercante. Sou filho de uma empregada doméstica vinda de Serrano do Maranhão, interior do Maranhão, para o Rio de Janeiro por volta dos doze anos de idade com a promessa de livros e escola, mas que viu a promessa se transformar em vassouras, esfregões e humilhações na casa de uma família de classe média. Ela teve que fugir dessa família por volta dos dezoito anos para realizar seu sonho de estudar.

Meu pai era operário. Trabalhava na fábrica da Souza Cruz, indústria de cigarros, que ficava na Tijuca aos pés do morro do Borel. Vale lembrar que em meados dos anos de 1980 ainda havia fábricas na zona norte do Rio ainda que sem a mesma pujança de outros tempos.

Meus avós paternos sempre viveram no morro do Andaraí. Meu avô, falecido muito antes de meu nascimento, trabalhava nas obras da prefeitura. Meu pai me contava com orgulho de como era honrado e trabalhador. Dizem que era muito forte, pois trabalhava no calçamento das ruas da cidade. Minha avó cuidava em casa de seis meninos e morreu ainda jovem. Deprimiu-se muito após as perdas da enchente de 1966. Era uma típica família brasileira das classes populares dos anos 1960.

Vivi toda a minha infância e adolescência no morro do Andaraí. Frequentava a Igreja Matriz de S. Cosme e S. Damião. Lembro, com água na boca, de correr atrás de doces nos dias dos “santos meninos”. Lembro das intermináveis peladas no estacionamento da igreja. Fui forjado no catecismo da Igreja Católica, pensei em ser padre, e também nos ensinamentos da umbanda, apesar de hoje ser um agnóstico convicto. Frequentava com meu pai uma vez por mês um centro tradicional que ficava na favela. Era de uma amiga da família, dona Dulce. Meu pai, neste domingo mensal, me levava a descobrir as memórias de minha família que



sempre me interessaram. Meu pai me fazia andar por caminhos de sua infância e me contava suas aventuras. Contava-me também histórias de assombração que estavam no imaginário da gente simples daquele tempo. Falava-se que em alguns locais haviam escravos enterrados. Nunca soube da veracidade disso, mas sempre me encheu de fascínio e, claro, medo infantil. Lembro que passávamos pela casa de uma senhora, que era vista com muito respeito, e quase não falava. Sentava-se na soleira da porta à tarde e observava o movimento. Diziam que tinha mais de cem anos e que havia sido escrava.

Só fui descobrir a história de minha família materna aos dezesseis anos. Com essa idade fui com minha mãe ao Maranhão. Só eu e ela numa aventura de quatro dias de ônibus do Rio de Janeiro até o pequeno povoado do Serrano. Lá conheci minha avó. Conheci primos e primas que trabalhavam na terra. Que me mostraram como era feita a farinha de mandioca. Vi o que os livros me contavam. Entendi porque o aipim era chamado de “pão dos trópicos” pelos colonizadores. Vi como ela era vital na alimentação local. Vi a mandioca ser colhida, macerada, prensada na manipeira, esfarelada, peneirada e torrada. Depois transportada em cestos nos ruidosos carros de boi. Descobri que minha bisavó era índia tapuia e que meu bisavô a fora buscar no mato. Descobri cantigas que eram cantadas pelos escravos do local através da voz da minha avó Martinha, “na língua errada do povo/língua certa do povo”, como disse Manuel Bandeira: *“Sinhô tá deitado?/Sinhô tá olhando?/Cabeça de nós tá só passando!”*

Sempre tive uma educação esmerada e uma vida confortável. Frequentei ótimas escolas públicas e ganhei uma bolsa de estudos integral para uma escola tradicional do bairro no ensino médio. Até o final do médio não precisei trabalhar. Eu era o sonho de boa educação da família. Eu era a esperança de realização do sonho de estudar de minha mãe que



frustraram. O estudo era minha única chance de “subir” socialmente e “sair do morro” que vivia já as intensas guerras do tráfico. Desde pequeno isso me era dito. Meus pais eram muito carinhosos, porém rígidos. Notas baixas, recuperações e reprovações não eram permitidas. Afinal, *meu trabalho era só estudar*. Tive acesso a um curso básico de inglês, informática e piano. Nessa época minha mãe trabalhava para uma professora aposentada que me incentivava a leitura, o gosto pelos jornais e pelo cinema. Não raro ela contribuía com inscrições em concursos, cursos e empréstimos de livros. Conheci através destes empréstimos de livros da dona Yvonne (nome da professora para a qual minha mãe trabalhava) e de uma fantástica professora de Literatura Brasileira no ensino médio, professora Cláudia Marques, Machado, Orígenes Lessa, Álvares de Azevedo, os modernistas, Júlio Verne e outros. As aulas de Geografia do professor Eugênio me levaram a Milton Santos, Leo Huberman e Eduardo Galeano e suas “Veias Abertas da América Latina” e a pensar qual era meu lugar na sociedade brasileira e no mundo. Passei a me interessar por política. Ao mesmo tempo as coisas começaram a apertar em casa porque meu pai ficou desempregado. A Souza Cruz encerrou suas atividades no Rio. Eram os tempos de Fernando Henrique Cardoso.

Lembro que foi a partir destes professores que fui aos poucos me descobrindo como professor e também como negro e favelado bolsista. Sim, soa estranho, mas até aquele momento eu não me via como uma coisa nem outra. Foi nessa escola particular tradicional que percebi que não era igual a todo mundo. Eu não tinha acesso aos bens de consumo dos colegas, descobri que meu curso básico de inglês não dava nem para o começo. Descobri que em breve teria que trabalhar e que universidade, só pública.

Veio o vestibular e não passei. As coisas não eram tão douradas nesta época. Tinha que trabalhar. Veio o milagre e consegui uma bolsa parcial para a Universidade Gama Filho



(UGF) em Piedade. Estava entre Jornalismo e Educação Física, tinha jogado futebol de salão como goleiro, mas optei por História. A escolha do curso era estratégica, pois unia gosto, possibilidade de trabalho rápido e baixo custo. Descobri mais livros e também o movimento estudantil e as deliciosas discussões políticas nos pulsantes bares apinhados de estudantes na rua Manoel Vitorino. Encontrei a sociologia e com ela Marx. Como todo jovem de humanas que se preze me encantei. Descobri também o Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) e as discussões sobre cotas. Descobri as eleições e a utopia de um operário sendo eleito presidente.

Consegui trabalho em um curso. Eu dava aulas de reforço de História e Geografia e ganhava por hora trabalhada. Aprendi muito. Aprendi inclusive que teria que trabalhar bastante para ter um salário digno com a profissão que escolhi. Aprendi que devemos sempre nos preparar para cair e levantar, pois o curso faliu e eu não recebi algo em torno de mil reais que me era devido. Trabalhei também em uma ONG. Assumi uma turma multisseriada da Educação de Jovens e Adultos. Pagamentos atrasavam e comprometiam passagens e xerox na faculdade. Por fim, a ONG/escola faliu e perdi dinheiro novamente.

Consegui uma bolsa de estudos para organizar o arquivo do Hospital Gafreé e Guinle, ligado à UNIRIO. Dois anos que me deram alguma tranquilidade. A bolsa era curta, contudo ajudava muito. Para ficar mais perto do estágio me transferi da Gama Filho de Piedade para a unidade da Candelária. Outra escolha prática: era mais perto do trabalho e mais perto dos arquivos mais importantes como o Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional e Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Estava ficando perto da hora de fazer o TCC. Nem pensar em ficar mais tempo na universidade que o necessário. Seis meses além dos previstos era um luxo que o dinheiro sempre curto não me permitia.



Em uma palestra conheci a professora Lili Rose, tijuicana apaixonada pelo Rio e sua História, que fazia em parceria com a Universidade Estácio de Sá um trabalho de resgate da memória da Grande Tijuca. Ela me chamou para ser um *freelancer* em seu trabalho de pesquisa sobre os bairros do Grajaú e meu querido Andaraí. Conheci as produções de memorialistas como Luiz Edmundo, Vivaldo Coaracy e Brasil Gérson. Cheguei a pensar em trabalhar com a formação da Freguesia do Engenho Velho e outras Freguesias do Rio Antigo de tão empolgado que fiquei com o trabalho. Comecei a cogitar trabalhar com América Portuguesa Colonial. Tomei contato com os escritos dos professores Arno Wheling, Laura de Melo e Souza e outros. No meio do caminho o incentivo financeiro ao projeto foi suspenso. Morreu minha possibilidade de estudar sobre meu lugar.

O fim do curso se aproximava e eu não sabia o que trabalhar no TCC. O estágio no arquivo estava no fim e, portanto, fim de bolsa. Um amigo começou a estagiar no Jornal dos Sports e trazia para nós as fontes que estava estudando. Topei com notícias sobre uma celeuma entre defensores do esporte amador e os defensores do profissionalismo. Vi que Getúlio Vargas se colocou para resolver a questão que dividiu o futebol brasileiro entre 1933 e 1937. Fui estudar nacionalismo, trabalhismo, fui ler os grandes nomes da historiografia como: Ângela de Castro Gomes, Boris Fausto, Weffort, conheci os trabalhos do professor Maurício Murad na sociologia do futebol na UERJ, os estudos do professor Leonardo Affonso de Miranda Pereira e sua história social do futebol. Pronto! Tinha um tema. Consegui produzir algo mesmo com o nariz torcido dos professores ao futebol.

Devido à tensão que foi o TCC me afastei da academia. Achei que ela não fosse pra mim. Fiz concurso para a prefeitura de Friburgo onde trabalhei dois anos e meio com Ensino



Fundamental, para o Estado, onde conheci a Baixada Fluminense através de Belford Roxo e lecionei para o Ensino Médio.

Neste meio tempo fiz uma pós-graduação pela Universidade Cândido Mendes em Psicopedagogia Institucional. Estava interessado em investigar o uso de jogos de tabuleiro para o ensino no segundo segmento do fundamental. Abriu-se para mim o mundo de pensadores e pesquisadores como Huizinga, Piaget e Vygotsky para entender o jogo, a necessidade humana do brincar/jogar e entender o desenvolvimento infantil. Passei a respeitar mais o trabalho de minhas colegas de primeiro segmento. Vi a importância da linguagem e do afeto, através de Wallon, no meu fazer pedagógico. Fiz concurso para os municípios do Rio de Janeiro e de Duque de Caxias, onde estou até hoje. Casar e ser pai também me fizeram repensar diversos aspectos da vida. Inclusive o campo profissional.

Acredito que a consolidação de minha identidade enquanto professor de História e, de maneira mais específica, de origem popular e atuante na periferia, se deu nos últimos três anos. Minha permanência por mais tempo nas mesmas escolas me fez estabelecer laços com as comunidades onde atuo.

Em 2013, em meio ao intenso movimento de greve após vinte anos de inércia por parte dos profissionais de educação do município do Rio, aprendi com os jovens das *Jornadas* sobre ocupação, aula pública e educação popular. Conheci *coletivos*, grupos autônomos e que prezam pela horizontalidade entre seus membros, de arte, cultura e política. Li Harvey, Zizek e Bauman para tentar entender o presente. Para tentar entender como minha cidade havia se tornado uma das tantas rebeldes pelo mundo devido aos efeitos da Crise de 2008. A Cinelândia era o cenário de todas essas perguntas. Vivi a truculência do governo a tais movimentos populares em 2013 e 2014, quando ousamos nos colocar contra os gastos



absurdos da Copa do Mundo, quando ousamos pedir serviços básicos “padrão FIFA”, quando nos recusamos a pagar caro por um transporte caro e ruim. Sofri de grave esgotamento nervoso que me levou a buscar terapia.

Em 2013 também, apaixonado pela vida e pela profissão apesar de todos os problemas profissionais e pessoais, decidi prestar concurso para ser docente do Colégio Pedro II. Quase consegui. Fui eliminado na prova de aula, última etapa. Percebi que era preciso voltar a estudar.

Em 2015 tive um artigo aprovado pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, para compor a coletânea de artigos que resultou no livro comemorativo “*Rio de Janeiro: histórias concisas de uma cidade de 450 anos*”. Minha coordenadora e amiga, Elizete Alves, me incentivou a tentar o concurso. Escrevi um artigo em 48 horas sobre o fato de o Rio ter sido sede do Sul-Americano de Futebol de 1919. Deu certo. Tudo graças a alguns jornais que tinha guardado ainda da época do trabalho de conclusão da graduação.

No mesmo ano fui convidado ainda para dar uma das aulas do curso de extensão do departamento de Letras da UFRJ, “*História Biográfica – Biografias Femininas*” sobre Anita Garibaldi. A breve passagem pela universidade me deu saudades do ambiente acadêmico. E me deu certa autoconfiança. Afinal, fiz um bom trabalho, os alunos gostaram mesmo estando distante daquele mundo universitário há tempos.

Enfim é 2016: eis aí o empoderamento. Tentei o mestrado. Achava-me incapaz de tentar fazê-lo inclusive. Fiz a inscrição no profHistória para a UERJ. Estudei nos raros intervalos que tive e passei. Em terceiro lugar. Cheguei à universidade pública.

O significativo disso foi ver cair por terra todo o preconceito contra mim por vir de universidade privada. Fato significativo de estar na universidade pública é ocupar um lugar



onde negros ainda são raros. Orgulhoso. O primeiro formado e o primeiro mestrando de minha família. Minha mãe foi vingada. Meus ancestrais serão lembrados. E, talvez, meus descendentes possam viver em um lugar melhor.

Seria injusto não citar meus colegas em minha formação. Os colegas de todas as escolas me ensinaram algo. Sem dúvida os amigos mais queridos e incentivadores que fiz magistério estão nas escolas Mendes Viana e Ciep 318. Tantas boas histórias, tantos bons projetos concluídos e por fazer. E, em meio às dores e delícias do magistério, um ombro amigo, uma discordância saudável e uma piada na sala dos professores.

E onde estão meus alunos nisso tudo? Estão em tudo o que ando fazendo. Em tudo o que passei. Cada experiência pessoal, a descoberta de meu lugar social, meu amor pelo lugar de nascimento hoje transbordam em minha sala de aula. Trabalho com o petróleo humano que o Brasil desperdiça aos milhares todos os anos. São eles os jovens de periferia que morrem de bala, vício, inanição e falta de perspectiva.

Procuo respeitar o que me trazem e procuro não os deixar aprisionados a isso. Existe a favela, existe o bairro, mas existe também uma cidade que é desigual, todavia é deles também. Existe um país e existe um mundo. E, ainda contaminado pelo entusiasmo das *Jornadas de 2013*, os convido a **ocuparem** este mundo. Os convido a ter a utopia como horizonte e caminharem sempre até ela como na bela imagem de Eduardo Galeano. Tenho feito alunos virarem amigos e se colocarem além dos limites do Fundamental e chegarem à Universidade. Sendo assim, creio que ando obtendo sucesso.

Finalmente, termino o memorial onde reconstruí parte de minha jornada, onde tracei os caminhos de meu coração, me inspirando nos versos de Gonzaguinha que me resumem



PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

bem: *“E aprendi que se depende sempre/De tanta, muita, diferente gente/Toda pessoa sempre é as marcas/Das lições diárias de outras tantas pessoas/E é tão bonito quando a gente entende/Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá/E é tão bonito quando a gente sente/Que nunca está sozinho por mais que pense estar...”*